5.º ANO LISBOA—TERÇA-FEIRA. 4 DE AGOSTO DE 1925 N.º 1325

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 O.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 195 Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

PANORAMA NACIONAL

CARTA ABERTA

AO PRESIDENTE do ministerio DOMINGOS PEREIRA

Ex.mo Sr.

Não me dirijo a V. Ex.ª para o molestar, irritar ou lisongear, visto que nunca tive por habito fazer mal a ninguem quer censurando, quer elogiando.

O governo a que V. Ex.ª preside merece-me simpatia, pelo facto de se ter formado em tão duras condições que, só por atroz ironia do destino, ele se resignará a deixar cair os braços perante a crise que nos assoberba, dando-nos como compensação alguns discursos de ingrato sabor classico.

O país quer ser governado com o maior prestigio do Estado e com a mais severa aplicação da lei...

Sente-se V. Ex.ª na disposição de romper com os liames que ha uns poucos de anos fazem do poder, em Portugal, o escravo de todas as humilhações, a face cuspida por tantas baixezas?

Se assim é, conte desde já V. Ex.ª com muitas horas amargas—tão amargas que não lhe sobejará sequer tempo para se carpir como Ovidio, na solidão hostil e inculta do Ponto.

Terá de fazer rosto á desgraça e manter-se impassivel ao leme.

De tempos a tempos, receberá V. Ex.ª o testemunho publico e cauteloso de alguns individuos que terão o arrojo de lhe dar o seu apoio patriotico com a mesma avareza com que os papás entregam dinheiro aos filhos foliões, depois de os irrigarem com cavilosos e proveitosos conselhos.

Não lhe digo isto para o desanimar, pois não sou pessimista nem derrotista: acredito em Portugal, na sua grandeza passada e futura, se bem que seja obrigado a moderar o meu entusiasmo, quando, debaixo da minha janela, os perturbadores do socego publico se chamam, conforme os casos, heroes ou poltrões, santos ou ladrões.

Desde que V. Ex.ª, que é um autentico homem de bem, assim como os seus colaboradores, se decida a iniciar uma obra de resgate nacional, sacrificando ao bem comum paixões abominaveis e cubiças desenfreadas, a Patria que é um valor eterno—um abraço que jamais deixa de cingir os barões assinalados—reservar-lhe-ha um lugar daqueles que entre nós se não conquistam por empenhos nem se compram com abjecções.

Quere V. Ex.ª obter um mandato para a posteridade?

Então parta V. Ex.ª do principio que Portugal tem dimensões que os habitos e vicios da nossa época não podem determinar, porque cada um deles pretende reduzi-lo ao tamanho dos seus apetites.

Não é um dos primeiros paises do orbe, como pretende um dos nossos egregios poetas, depois de escrever os seus poemas cujas silabas sonoras ele toma ainda como clarins de Ceuta e Alcacer.

E' simplesmente um país tão grande e nobre que para o percorrer, admirando-lhe a beleza heroica e a graça ingenua e casta, se necessita possuir um coração dos que palpitam, sem desfalecimentos, nas aventuras pastoris das eclogas e nos lances arriscados e temerarios da epopeia.

Portugal não pertence aos partidos que o comprometem e exploram, nem aos retoricos que fazem da sua gloria uma especie de pendão pelintra da pobresa desvergonhada que os mina e enfurece.

Portugal tem oito seculos de historia—o que prova que não passou a sua vida nas encruzilhadas.

Viveu, lutou, sofreu, amou: para tão longa existencia achou um companheiro—Deus.

O nosso passado—o passado do povo português—aparte o seu coeficiente de miserias terrenas, apresenta-se-nos como a realisação de uma ideia divina.

Cristo chegou até nós, mas nós obrigamos o globo a curvar-se diante dele.

Eis o unico orgulho que nos é permitido!

Mesmo quando derramavamos o nosso sangue, uma alegria mais viva que a luz do sol nos iluminava. Graças ao seu inapagavel fulgor, as esperanças e os lirios não morrem em Portugal.

Porque aparecem as coisas agora voltadas, de maneira a converter-se a terra que nos foi berço em corpo de chagas e ulceras? A nossa alma, por onde anda errante, abandonada ao pasmo de haver perdido a confiança em si propria?

Ouça V. Ex.ª, sr. presidente do ministerio!

Nota-se com frequencia que os homens se vão tornando cada vez mais pequenos, ao passo que os acontecimentos se engrandecem. A nossa crise provem desta mudança de proporções. Os que deviam conjurar os perigos, cedem á sua violencia, deixando-se arrastar, como se fossem coisas e não vontades.

Durante alguns anos as nossas escolas superiores ensinaram uma sociologia fatalista: a lei subjugava o homem. Este tinha que sugeitar-se ao dominio de forças cegas. A guerra estalou e com ela desfez-se tambem a nefanda ciencia. Na guerra, venceram as inteligencias mais fortes e na paz superam o cáos os povos mais rudes no esforço.

Onde está a supremacia da natureza, o absolutismo dos seus dictames?

Se Lenine acreditasse no rigor do determismo social, nunca passaria de um sonhador embrumado.

O czar Nicolau III é que pagou as culpas da estupenda teoria.

Ele e os seus exercitos foram vitimas da razão... alemã—a do Kaiser e a de Karl Marx.

Se V. Ex.ª aspira a governar-nos com energia, com movimento e não com a inercia, resta-lhe como unico caminho—sobrepôr-se aos acontecimentos, dominá-los, encaminhá-los para fins humanos, tirando-lhes o impeto bravio e altaneiro.

Portugal está fora do seu ser, da sua tradição, da coragem educada que exige um programa de altas realizações e do pudor que acompanha os grandes feitos.

Para criarmos um futuro que nos honre, temos que enterrar um presente que nos vexa. Que serie de cadaveres pestilentos os nossos contemporaneos não escondem sob as mentiras de que se nutrem!

Repare V. Ex.ª nos espectaculos que os nossos olhos contemplam.

O Chefe do Estado, em face da engenhosa Constituição da Republica, é um português sem opinião, um cidadão que se mantem de pé para não fazer coisa alguma...

A sua acção é metaforica—sua presença simbolica e vasia.

No entanto, este supremo magistrado sem magistratura, este chefe que comanda, mas que não tem meio de fazer-se obedecido, quando a desordem anda nas ruas, nos clubs politicos, no parlamento, nos governos e nos espiritos é o responsavel por centenas de erros, cuja paternidade ninguem assume.

Já se viu situação mais esdruxula?

Levanta-se, por exemplo, uma campanha contra ele—surda, tenaz, derruidora. Quem o defende? O Parlamento? o governo? a imprensa? os partidos? os tribunais? os apostolos das causas generosas?

Não respondo a estas preguntas, porque não é meu intento forçar ninguem a explicações mais dificeis que marchar sobre punhais.

Costuma-se dizer que o mar é um monstro que tem dentes em todo o corpo. Da nossa politica pode afirmar-se que tem maculas em toda a sua pele.

Ha quinze anos que apelamos para as revoluções como um remedio salvador. Os militares intrometeram-se nos meandros das intrigas partidarias e esqueceram-se dos quarteis e da sua rigida disciplina.

Como não aprendemos a trabalhar, pois que o trabalho é a raiz da liberdade e da independencia, lançamo-nos no culto do inesperado.

Os empregos que o Estado dá submisso aos que lhos pedem de armas na mão constituem um incitamento para fructuosos *raids* na publica administração. Os militares e os civis deixam-se levar pela mesma pandega sangrenta.

A dar vivas á Republica e tiros para o ar atinge-se um alargamento de suspensorios. Como seria bom que o exercito velasse pela Patria, nunca entrando nos ruidosos litigios dos politicos, a não ser para conter os seus criminosos empreendimentos, numa altiva rajada patriotica!

A Constituição, no seu artigo 3.º, concede-nos tantos direitos e garantias que nos dá a ilusão de que as propriedades e as vidas, o pensamento e a sua expressão ficam resguardados contra abusos e violencias de qualquer ordem.

Que enorme logro!

Em Lisboa, que é a capital de um país que já foi tido pelo mais pacifico da Europa, ha sempre sugestões homicidas em fermentação e pistolas ou bombas para as executarem.

Com um tiro, no peito ou nas costas, um desgraçado vai para o outro mundo, sem ter tempo de invocar a Constituição.

A's vezes isto acontece por engano, visto que as balas, com o rigor das demonstrações da balistica—esta sciencia é das poucas que assentam em axiomas—ainda não sabem distinguir um inocente de um criminoso.

Sr. presidente do ministerio, entre nós não escasseiam sujeitos bem intencionados que pregam credos novos para operarem a felicidade de nós todos.

As suas palavras molham-se em orvalhos purissimos e prometem-nos a ventura tão proxima, que basta estender a mão para a colher! Pois é precisamente destas formosissimas miragens que veem as nossas algemas. O sofrimento fabrica-se com o mel dos profetas.

Neste momento padecem fome alguns milhares de operarios, muitos dos quais luctaram para que a Republica fosse carinhosa com eles.

As fabricas fecham ou reduzem os dias de trabalho.

Como resistirão á desdita? Seria crudelissima ironia que o idealismo dos nossos homens publicos não se mostrasse capaz de temperar tal amargura!

De que serve acusar as *forças vivas*, quando todos nós sabemos que outros elementos, ricos de seiva promissora, se conjugaram para assassinar a fé da gente simples? Que importam as doutrinas que a eloquencia apregoa como salvadoras, no instante em que nos lares não ha pão nem alegria para o ganhar?

Mas eu não desejo colocar sob os olhos de V. Ex.ª um ou varios quadros inquietantes. Outro é o meu intento, porque, consagrando-lhe esta pagina do meu jornal, viso atrahir a sua atenção para os problemas que demandam remedio urgente.

V. Ex.ª encontra-se num passo perigoso da sua carreira politica: se preferir comodamente, vulpinamente, *governar com os acontecimentos*, ladeando-os, aproveitando-lhes os sabores, mas evitando os seus rigores, V. Ex.ª continuará unicamente a ser o mais simpatico dos nossos politicos.

Isto talvez satisfaça a vaidade transitoria de quem se agarra a um epiteto poetico e laudatorio, carecido de mais solidas amarras.

Acho que V. Ex.ª aspira a outras primazias, aliás não se teria metido a organisar governo, sobretudo numa ocasião em que o povo já perdeu o fatal dom de se iludir.

Um dia, Nero, que era um histrião louco e sem vergonha, lembrou-se de mandar vir do Oriente—do Egipto, se não estou em erro—alguns navios carregados de areia fina para espalhar no Circo.

Em Roma havia miseria ululante, em bando pelas ruas.

De repente correu a noticia que ao porto de Ostia chegara um carregamento de trigo destinado aos famintos. Estes deliraram de contentamento, aclamando o seu protector.

Nero, que se viu envolto num entusiasmo brotando macabramente do desespero, pensou certamente consigo:

—«Estes párias preferem matar a fome a apreciar o meu talento de musico e bailarino... Como eu os lastimo!»

Dai a poucos dias desabava no Orco, carregado de crimes e de torpesas.

Recorro a esta citação, não para assustar V. Ex.ª nem para dar a perceber que existe qualquer parecença entre os costumes romanos e os lisboetas, mas sim para o prevenir contra a tendencia dominante na nossa politica, de adormecer impaciencias com musica de realejo.

Os velhos metodos de governação desacreditaram-se.

V. Ex.ª é um novo, auxiliado por gente moça. Qual a sua obrigação? Inaugurar uma politica que não se revista do aspecto desalentado que tanto tem concorrido para nos entenebrecer. Portugal não é um país rico, mas possivelmente rico.

A riqueza ha-de criar-se primeiro, o estilo figurado depois.

O sistema contrario—a riqueza em frases, em tropos e periodos aurifeitos—arruina-nos.

Portugal, que os nossos avós ergueram do solo como uma oferenda da sua imortal ancia de perfeição, espera que nós o sagremos para o mundo moderno. Imagine V. Ex.ª que tentadora tarefa para quem não queira extrair dos *Luziadas* um punhado de cinzas...

Com simpatia e admiração

Joaquim Manso

As crianças

Uma carta

De «Uma leitora» recebemos a seguinte carta:

Sr. director.—No numero de terça feira ultima, do seu excelente jornal, publicou o sr. Alvaro Neto um artigo sob a epigrafe *E' preciso cuidar a sério das crianças*, que muito me interessou e cujo grito de alarme é necessario secundar. Tem sua ex.ª carradas de razão, e o *Diario de Lisboa* prestaria um grande serviço ao país se levantasse com vigor e tenacidade essa santa campanha.

Que tristeza causa, sr. director, vêr as nossas crianças, os homens e mulheres do futuro, definhar; tornarem-se raquiticos e tuberculosos, emquanto os nossos pseudo estadistas gastam o seu *precioso* tempo e o nosso não menos precioso dinheiro, em discursos estereis e fastidiosos, que muitos ouvem a cabecear com somno, emquanto outros combinam em voz baixa a melhor forma de fazer caír o governo para eles o substituirem, e em *maravilhosas* obras de fomento que não cito por serem de todos conhecidas, e que fazem do nosso delicioso Portugal um país progressivo e civilisado...

Que miseria, sr. director, e que criminoso procedimento o de todos esses senhores!

Como o sr. Alvaro Neto muito bem diz, temos uma *Maternidade*, cujas obras ameaçam prolongar-se como as de Santa Engracia, casas de caridade ao abandono, asilos que se têm fechado por esse país fóra, e, a par disto, aumenta assustadoramente o numero de crianças vagabundas e vadias, aumenta a mortalidade infantil, a desmoralisação, o vicio e o crime.

Com que direito se deixa estragar assim uma raça de tão nobres e gloriosas tradições?

Para que cruzamos todos nós os braços em face da desmedida ambição e ultrajante indiferença dos que nos governam? E' preciso reagir, é preciso força-los, com campanhas sucessivas e intensas, feitas pela grande imprensa, a não deixar enfraquecer irremediavelmente o nosso povo. E' indispensavel, sim, e sem delongas, tratar das crianças portuguesas. E se o Estado, por si só, não toma essa iniciativa, que a tomem os particulares, apoiados pela imprensa, constituindo-se, por exemplo, uma importante *Liga de defesa da criança*, com ramificações por todo o país e uma propaganda bem feita e tenaz.

Não ha nenhuma ideia generosa que não triunfe quando tratada inteligentemente e sem desfalecimentos. E a imprensa, que algumas vezes, tambem, se tem esquecido do grande papel civilisador que lhe cabe, bem pode empreender esta tão patriotica tarefa. Deixemos os politicos afundarem-se no charco em que se debatem, e trataremos, nós, os indiferentes, desta obra de redenção nacional: a defesa da criança.

De vagar se vai ao longe; comecemos pelo principio, até que outros venham em nosso auxilio. Para nada sirvo e nada valho, mas pôr-me-hei incondicionalmente ao lado dos que quizerem trabalhar pelo futuro dos nossos petizes. E perdõe-me, sr. director, o tempo que lhe roubei. O culpado foi o sr. Alvaro Neto, que, com o seu artigo, veiu dar alento a uma ideia que ha muito vivia no meu cerebro e no meu coração.—*Uma leitora.*

Estrela Castro

continua no «Bal-Tabarin»

A interessantissima e encantadora «coupletista» Estrela Castro, findou ontem o seu contracto no *Bal-Tabarin*. Soceguem os frequentadores. A empresa deste elegante *cabaret*, no intuito muito louvavel, de dar ao publico verdadeiras noites de arte, conseguiu que Estrela Castro prorrogasse o seu contracto por mais algum tempo, tendo esta acedido gostosamente pela simpatia e pela muita consideração que lhe merece o publico frequentador do *Bal-Tabarin*, que tantas noites de gloria lhe tem proporcionado.

A gentil artista deve fazer a sua festa artistica, brevemente, para o que está ensaiando numeros que devem causar um incontestavel sucesso.

Dizer que Estrela Castro é uma coupletista preciosa, não é novidade para ninguem, porque pelo *Bal-Tabarin* têm passado milhares de pessoas que a têm aplaudido delirantemente.

Brevemente neste *cabaret* devem estrear-se sensacionais numeros de variedades, para o que a Empreza se não poupa a esforços e a despezas, que o publico saberá compensar, procurando no *Bal-Tabarin* a alegria e a distração que uma casa como esta pode dar a quem a frequenta.

O *Bal-Tabarin* está aberto toda a noite.

CRONICA FINANCEIRA

A marcha cambial EM FACE das emissões fiduciarias

O pessimismo nacional deve estar a estas horas convencido de que o afrouxamento cambial assinalado ha mais de ano—vai em ano e meio—não foi um fenomeno efemero, como o defectismo queria supôr. Felizmente, o grafico do ultimo ano, mais precisamente dos ultimos doze mezes, apresenta uma estabilização do valor da libra entre 96$50 e 97$40.

Compreende-se a morosidade com que o publico reconheceu que a baixa cambial não era a compressão duma mola que mezes depois se soltasse voltando a flecha a atingir aqueles agoirentos e perigosissimos numeros de 160 e 170 escudos a que tivemos a libra. Parecia que já nada haveria que travasse essa deliquescencia do escudo, e todos previam a chegada a 200 escudos, e a continuação do cerceamento do valor da nossa moeda.

Tal não sucedeu. No dia em que o ministerio das Finanças traçou um objectivo e se resolveu a pô-lo sistematicamente em pratica, o agravamento cambial cedeu. Cedeu e o afrouxamento ha mais de um ano que se mantem.

Isto prova, é bom vincá-lo, duas afirmações qua nós aqui repetimos, por mil e uma formas, nos dias angustiosos e arreceadores de maior crise:

1.º O agravamento cambial não era um producto de especulação.

2.º A incineração da moeda estava na razão directa da inflacção fiduciaria.

Se a especulação tivesse o malefico poder decisivo que se lhe atribuia nas horas supremas do agravamento cambial, a menos que admitamos a hipotese de terem morrido ou embarcado todos os especuladores, está demonstrado agora que não era a especulação que levava os cambios á posição desgraçada e alarmante que os vimos atingir. E' tão concludente isto, e tão patente que não vale a pena demorarmo nos na apresentação de mais argumentos.

Quanto á acção dos Bancos e banqueiros, as estações oficiais, que já o sabiam, devem estar hoje mais do que compenetradas dos propositos patrioticos da acção dessa industria e da boa vontade com que a banca nacional está sempre disposta a secundar a acção oficial numa harmonia de vistas que não se prende com interesses particulares.

A verdadeira causa, a maior, ante os multiplos infinitamente pequenos que actuam inexoravelmente nos cambios, era o aumento da circulação fiduciaria a cuja galopada, nos ultimos tempos, correspondeu, numa fidelidade fulminante de espelho, reflectindo uma imagem, o gangão dos cambios.

No dia em que o ministerio das Finanças anunciou e cumpriu, a resolução de não aumentar a circulação fiduciaria, os cambios não se agravaram mais, e deram tempo a que as outras medidas provocassem o afrouxamento.

Isto é materia sabida, codificada em teorias ao alcance de todos e experimentalmente confirmada. Ainda agora a França assistiu á queda do franco, porque teve de confessar e legalisar um surdo confluente judiciario e de o sobrecarregar com uma nova emissão de papel-moeda.

Em Portugal tudo se quiz atribuir á especulação, e o maior perigo não esteve nos efeitos sociais que essa propaganda junto do simplismo das multidões ia provocando, mas no indiferentismo com que nos meios oficiais se olhava para a reincidencia das causas que estavam arrastando as finanças publicas a essa tremenda situação.

Felizmente, uma hora de bom senso soou nas regiões oficiais.

E se hoje nos referimos ainda ao caso, é para acentuar que estivemos sempre aqui a bater-nos pela boa doutrina que os factos vêem comprovar.

Para poder travar a inflação judiciaria, o ministerio das Finanças teve de ir buscar á tributação o que até ali ia pedir ao fabrico do papel-moeda. O agravamento de impostos é, pois, o inevitavel e logico começo dum plano financeiro que teve de dirigir,—em primeiro lugar, as suas vistas, para o ataque ao agravamento cambial. Não agravando a inflação e demonstrando pela tributação que a nação se disponha a sacrificios, o factor moral—sempre de peso no fenomeno do credito nacional expresso na balança cambial—ajudou tambem.

Mas o Estado não pode ficar por aqui. Falta a segunda parte do plano. E' preciso crear riqueza, para que, num breve futuro, o agravamento tributario possa ir sendo atenuado, e para que uma nova massa de contribuintes venha suprir as baixas que os actuais impostos vão produzindo no comercio e na industria. Um plano de fomento, creando nova riqueza, supriria assim o cerceamento de materia colectavel, apontado na nossa cronica anterior. Marchar-se hia assim para o equilibrio da economia e da finança nacionais.

As quedas d'agua são o problema, o assunto do dia em todas as nações de vanguarda economica. A Italia está a consagrar a esse problema o melhor das suas atenções e do esforço governamental.

Entre nós o aproveitamento das quedas d'agua é uma aspiração que ha anos interessa a opinião publica. E' uma forma de vermos diminuir consideraveis drenagens de oiro, é directa e reflexamente a resolução, se não de todo, de uma grande parte do nosso equilibrio orçamental.

Em conclusão: a acção oficial em materia cambial justifica o sacrificio do pais.

Poder-se-ia, certamente, ir mais longe, trazer os cambios a um maior afrouxamento. Mas, evidentemente, atentou-se na convulsão da praça se a baixa se acentuasse mais, desde já. Sofreu-se com a galopada ascencional, sofreu-se com a descida. E' prudente e necessario que as coisas tendam para a sua normalisação dentro da actual divisa, para depois se trabalhar para melhor posição da balança cambial.

Mas, mesmo para isso, é mister que o plano oficial se complete, metendo hombros á creação da riqueza nacional, numa larga obra de fomento por que o paiz anceia e que a marcha das coisas publicas reclama.

A mendiga de S. Sulpicio

Todos que têm visto os dois primeiros episodios deste sensacional romance cinematograficos, anceiam por assistir ao desfecho imprevisto e empolgante do belo «film», extraido da novela imortal de Xavier de Montepin, que hoje se estreia no aristocratico Cinema Condes. Vai ser por certo um grande acontecimento elegante e mundano. Além de todos os atractivos do «film» e do romance, avulta como atracção principal, a estupenda interpretação de Charles Vanel, Andrée Lionnel, Camille Bardou, etc.

Rolando da Silva

Acaba de publicar a segunda edição, consideravelmente melhorada, do seu interessante livro *Divagando—Impressões de Teatro*—constituindo um excelente volume de 360 paginas com 88 capitulos e 58 foto-gravuras de figuras marcantes no teatro, musica e letras. A' venda nas principais livrarias ao preço de 10$00 cu pedidos para a R. Aurea, 165, 1.º E. Telef. 2904, C., e T. do Salitre, 5, 2.º, Telef. 4142, N.

Colchões de arame
H. BONO
75, Rua do Diario de Noticias, 75
(Ao lado da antiga Farmacia Jara)
TELEFONE: Central 642

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Julia da Silveira Viana Talone da Costa e Silva, D. Irene Relin Geraldes Barba de Barcelcs, D. Emilia Osorio de Barros Santos Moreira, D. Ana Leite de Sousa Pereira Feyus e Freitas, D. Maria de Lourdes de Mendonça Amaral e D. Lucilia Relin Geraldes Barba.

E os srs.:

D. Pedro de Castro (Rezende), dr. Ruben da Silva Leitão, Pedro Paulo José de Melo (Santar), Tristão Guedes de Queiroz (Foz) e José de Noronha Freire de Andrade.

Casamentos

Realisou-se com muita intimidade, na capela do palacio de Queluz, o casamento da sr.ª D. Maria Henriquets Tinoco de Carvalho, gentil filha da sr.ª D. Carolina Coelho de Carvalho e do sr. Henrique Tinoco de Carvalho, com o sr. Joaquim Pembeiro Dias, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Terminado o acto religioso foi servido na elegante residencia dos pais da noiva, um fino «lunch», seguindo depois os noivos para as Caldas da Rainha onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de artisticas prendas.

Formatura

Defendeu tese, sob o titulo de «Sifilis e prostituição», na Universidade de Coimbra, o sr. José Afonso de Matos, tendo a classificação de dezassete valores.

Em viagem

Os srs. condes de Valença e seus filhos partiram para a sua quinta em Cintra.

—No rapido da manhã de hoje, para Valença do Minho os srs. coronel Pinto da Rocha e esposa e seus filhos Octavio Pinto da Rocha e esposa a sr.ª D. Amelia Pinto da Rocha e dr. Pinto da Rocha e esposa a sr.ª D. Lilia Pinto da Rocha.

—Encontram se já na sua casa de Cascais o sr. Filipe de Vilhena, sua esposa a sr.ª D. Tereza de Melo e Castro de Vilhena e seus filhos.

—Com seu filho o sr. Carlos de Sousa Rego e sua nora a sr.ª D. Alda Machado de Sousa Rego, partiu hoje no rapido para a sua casa em Vila do Conde o sr. Anibal de Sousa Rego.

—Para a sua casa em Cascais, parte brevemente, com sua esposa a sr.ª D. Augusta de Sampaio Forjaz Trigueiros e seus gentis filhinhos Luiz Augusto e Miguel Duarte, o nosso prezado colega na imprensa sr. Luiz Trigueiros.

—Acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Alexandrina Nobre de Melo, partiu para a Bulgaria o ilustre professor da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa sr. dr. Martinho Nobre de Melo.

—Partiu para Biarritz o sr. Francis Boyle.

—Por toda esta semana deve seguir para Torres Vedras, com sua esposa a sr.ª D. Maria de Castelo Branco Arantes, o sr. Hemiterio Arantes.

—Nas Caldas dos Felgueiras encontra-se a sr.ª D. Maria Domingas Berquó.

—A' sua casa de Gouveia deve regressar na quinta feira a senhora D. Maria Antonia de Atayde Magalhães e Menezes (Felgueiras), esposa do sr. dr. Francisco de Assis Teixeira de Magalhães e Menezes (Felgueiras).

—Em Cascais são esperados o sr. José Ribeiro da Cunha e sua esposa a senhora D. Vera Ferreira Pinto Ribeiro da Cunha.

—Para o Mont'Estoril, a juntar-se a seu marido o sr. Antonio Ferreira Marques, parte no proximo domingo a senhora D. Sarah da Mota Vieira Marques.

—Encontra-se no Palace do Bussaco, com sua filha, a senhora viscondessa de S. Pedro.

—Partiu para o norte o sr. conselheiro Sabino de Sousa, ilustre professor da Faculdade de Medicina de Lisboa.

—Chegaram a Lisboa, vindos dos Açores, os srs. tenente Aniceto dos Santos, redactor do jornal «A Cidade», de Angra do Heroismo, e Antonio José Coelho Fernandes, redactor da «Gazeta dos Caminhos de Ferro».

Doentes

Na casa de saude das Amoreiras foi operado o sr. conselheiro Arnaldo de Sousa Rego, cujo estado é felizmente muito satisfatorio. Fazemos sinceros votos pelo pelo seu pronto restabelecimento.

CARTAZ

TEATROS

Trindade=A's 20,45 e 22,45=«Ditosa Patria».
Avenida=A's 21,30=«A Malquerida».
Politeama=A's 21,30=«O Leão da Estrela».
Eden=A's 21,30=«A cidade onde a gente se aborrece».
Maria Vitoria=A's 20,30 e 22,30=«Rataplan!».
Coliseu dos Recreios=A's 9=Torneio de luta e variedades.
Salão Foz=A's 20-45=Variedades e cinema.
Bal-Tabarin=A's 21=Variedades.
Salão Alhambra=A's 21=Variedades.

ANIMATOGRAFOS

Tivoli=Avenida da Liberdade.
Olimpia=Rua dos Condes=«Matinée» e «soirée»
Chiado-Terrasse=Rua Antonio Maria Cardoso.
Cinema Condes=Avenida da Liberdade.
Salão Central=Praça do Restauradores
Salão Ideal=Rua do Loreto.
Cinema Gil Vicente=A' Graça=Domingos, Segundas, Quintas e Sabados.
Cine-Paris=Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora=Largo do Calvario.
Salão-Rocio=Rua do Arco do Bandeira.
Cinema Belem=Rua Paulo da Gama.
Cine Tortoise=Campolide=Quartas, quintas, sabados e domingos.

Excursão a Paris e Bruxelas

Partida a 2 de Setembro, 6 dias em Paris e 3 em Bruxelas, 2.ª classe em comboio rapido com todas as despezas pagas.

Preço 2:250$00

Inscrição, informações e programas na **Alfaiataria Arcada de Londres—R. dos Fanqueiros, 302-304.**

A's Senhoras

Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro. **Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo.**

VERSOS

Do

LIVRO

"Canções Simples,,

de Bernardo Maia

transcrevem-se algumas poesias

Folhas sêcas pelo chão,
Pobres folhas arrancadas
Folhas mortas, desfibradas,
Fermentando podridão,
Ai de vos, folhas pisadas!

Nunca mais—que triste sina!
Nas hastes debeis, pendidas,
Ouvireis, folhas caidas,
Das aves a voz divina
Entre as ramadas floridas:

Nem sob as couras revoltas,
(Folhas sêcas a voar!)
Jámais, á noite, ao luar,
Revereis, ó folhas soltas,
Lindas moças a bailar!

A nortada desabrida,
Cortante, brutal, atrós,
Ai não se apiedou de vós,
Folhas desfeitas, sem vida,
Pela invernia ferós.

Que destino assim levais,
Mortas folhas arrancadas,
Perdidas nas enchurradas,
Monturos e lamaçais,
Aos pés de todos calcadas?

Eu sei, eu sei! Quem me déra
Nem sonhá-lo, nem sabê-lo!
Em mim proprio estou a vê-lo,
Em tudo que a vida gera,
Seja vil ou nobre ou belo!

Folhas que um sopro varreu,
Desfeitas, mortas sem dó,
Esse destino é um só,
E' esse tambem o meu:
Reverter ao nada, ao pó!

Vão as ondas . . .

Vão as ondas pela praia
Morrendo em rôlos de espuma;
Vão as nossas ilusões
Assim morrendo, uma a uma.

A nossa vida, afinal,
E' toda espuma fugaz,
Pois tudo é onda que passa,
Espuma que se desfaz...

Um sonho

Em certa noite sonhei
Que morrera. Um pesadelo
Que me aflige inda ao dizê-lo,
Que bem contá-lo não sei...

Deitado no meu caixão,
Onde tudo e todos via,
Ouvi alguem que dizia
Com modo de compaixão:

«Coitado de quem morreu!»
«Antes fôsse ele do que eu!»
Outro, logo, diz áquele.

A soluçar e a gemer,
Ouvi minha mãe dizer:
«Antes fôsse eu do que ele...»

PAGINA DA ADOLESCENCIA

O meu

INSTINTO

por Antonio Alves Martins

O meu instincto é uma tarde ardente
Da minha vida, em flor, de adolescente,
Que, á força de vivida,
Eternamente continua acesa,
Embora o sol morresse e a Natureza
Ficasse anoitecida!

Uma tarde de Outubro numa aldeia,
Paizagem de pinhais, toda ela cheia
De vaga letargia...
A lassidão das horas do sol posto,
Longe fervia nos lagares o mosto,
E eu convalescia!

Tinha aberto a janela que deitava
Para o caminho estreito que ligava
A casa á povoação.
E, debruçado sobre a Natureza,
Encantado bebia lhe a beleza
E toda a lassidão!

Magnifica tarde em que a saude
Vinha ao meu corpo—esplendida virtude
Da seiva dos pinhais!
Mas se tudo eu sentia e queria, emfim,
Era a falta de alguem, ao pé de mim,
O que eu sentia mais!

Alguem que fosse a minha companhia
Na lassidão daquele fim de dia
Tão belo e perfumado
Que era um martirio admirar sósinho...
—E fitava nas curvas do caminho
A serpe do pecado!

Morria o sol, mas eu sentia a vida!
Os horizontes davam a medida
Da minha anciedade...
Fervia nos lagares, ao longe, o mosto;
Queimavam-se volupias no sol-posto
Por toda a eternidade!

A solidão pesava-me no peito;
Começava a sentir-me contrafeito,
Começava a sofrer...
Quasi me entediava a Natureza,
Fitando-a como a unica certeza
Que ali podia ter!

Mas a janela continuava aberta
E na paizagem languida, deserta,
Uma mulher surgiu...
Tê-la-ia criado o meu anceio?
E tudo, á minha volta, ficou cheio
Do que o meu ser sentiu!

Só tinha instincto essa mulher, mais nada!
Deu a volta a um pinhal, passou á estrada,
Desapareceu por fim...
Mas nessa hora louca de anciedade
Era, na terra, um pouco de verdade,
E tudo para mim!

Humana flor agreste resumindo
Os aromas da terra no ar subindo,
Abraçá-la seria
Cingir, num abraço, a Natureza inteira!
Seria essa a posse verdadeira
Daquele fim de dia!

A Natureza fôra uma promessa:
A certeza viera... Mas depressa
Ao longe se perdeu...
—E agora?—reflectia o meu cuidado.
Sem fé, porém, de ser recompensado,
Ergui o olhar ao ceu!

Mas que podia o ceu alto e divino
Dar ao meu forte e humano desatino
Sem o descontentar?
Resistir ás paixões é o mandamento
Dos que põem em Deus o pensamento,
A fé do seu olhar!

Resistir ás paixões!... E novamente
O meu olhar febril de adolescente
Baixou á Natureza,
A beber a distancia larga e escura
Que fôra, para mim, a sepultura
Duma fugaz certeza!

Como se toda a vida me fugisse,
Nunca mais eu amasse e possuisse,
—O' momento sem par!—
Não vendo o brilho da primeira estrela,
Desfaleci, exausto, na janela,
A chorar, a chorar!

Era o vago de tudo o que eu sentia.
Da Natureza nada recebia,
Pois prometera em vão...
E do Ceu? Era cedo para ouvi-lo:
—Foge ás paixões se queres viver tranquilo;
O mundo é tentação!

Assim fechado em torvo labirinto,
As lagrimas ardentes do instincto
Rolavam-me na face—
Tão pesadas que os olhos me doíam,
Tão sinceras que nada esconderiam
Se alguem as violasse!

Longos momentos eu ali fiquei,
A' janela, a chorar, mas abracei
A minha humana essencia...
De martirio e amparo me serviste,
O' eterna janela que sentiste
A minha adolescencia!

ANTONIO ALVES MARTINS

(Do n.º 5 da revista «Athena»)

VERSOS

Do

LIVRO

"Folhas de Trevo,,

de João Neto

transcrevem-se algumas quadras

...Vivo muito a saudade!
—Quizera perder um bem, em
troca dum bem maior:
a saudade de havê-lo tido.

Mario Azenha

Meu bem, por amor de Deus,
Outro olhar por Deus não côlhas.
—Teus olhos a mai los meus
Um trevo de quatro folhas.

Trevo orvalhado, meu bem,
Dizem que é de mais valor,
—Amar e não ter chorado
Não póde ser grande amor.

Sejam loiras ou morenas
Todas têm o mesmo geito...
—As penas d'amor, são penas
Que se dão em todo o peito!

Juraste um dia ser minha
E faltaste ao juramento,
Acreditei, fui bem tolo,
«Palavras levadas o vento.»

Abriste um dia o teu peito
Para o meu amor entrar...
—Um portal tambem é feito
Para abrir e p'ra fechar.

Uni a minh'alma á tua,
Para ficar sem saudade.
—Agora não tenho nada...
Nem a minha liberdade!

Não julgues que o teu amor
Me dá sómente prazer.
—Olha a palavra saudade
E' bem linda e faz sofrer.

Viemos da romaria
Pelos atalhos do monte,
E ficaram-nos os beijos
Perdidos ao pé da fonte...

O Malhão a mai-lo Vira
São duas danças antigas...
—Nasceram com a mentira
Nos labios das raparigas.

Eu gosto muito do Vira
Do Viradinho estalado.
—Se tu não viras ao Vira
Vira os teus olhos p'ró lado.

São as ondas do mar alto
Aquelas que eu mais respeito.
—Lembram as grandes saudades
Crescendo a dentro do peito.

De muito te ter amado,
Nasceram-me as grandes maguas.
—Póde morrer afogado
Quem navega sobre as aguas.

Tenho pena das que são
P'ra toda a gente; porém,
Inda chego a ter mais pena
Das que não são p'ra ninguem...

Veio a noite e o mar altivo
Pôz-se calmo num momento.
—Ficou triste e pensativo
Por ter a lua lá dentro.

POLICLINICA DO INTENDENTE
ALMIRANTE REIS, 27, 2.º
Telefone N.º 2989-N.

Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13.
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 17.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pelo, ás 14.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 15.
Dr. Fernando Fonseca—Sifilis e doenças da nutrição (diabetes, gota, obesidade), ás 16.
Dr. Formigal Luzes—Massagens, gymnastica, banhos de luz (Sol das altitudes), mecanotherapia, electrotherapia (diathermia), etc.)
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas, ás 14.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 14.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações ás 16.

OURIVESARIA
F. de Sousa Torroais

Bom sortido de objectos de ouro e prata só pelo peso, jealharia e relogios aos melhores preços do mercado.
Compra platina, ouro, prata e dentaduras velhas aos preços mais vantajosos.
106, Rua de S. Paulo, 106

Só na Casa das Tesouras
Encontrareis pelos preços mais vantajosos
FATOS FEITOS
em cheviote para homens desde
200$00
para rapazes a
150$00
Fatos em Kaki para homem a
78$00
para rapazes a **37$50**
CASACOS DE ALPACA,
não comprem nem mandem fazer de encomenda sem experimentar
na Casa das Tesouras
51-51-A-R. da Escola Politecnica, 53-55
Peres & Abrantes, Suc.

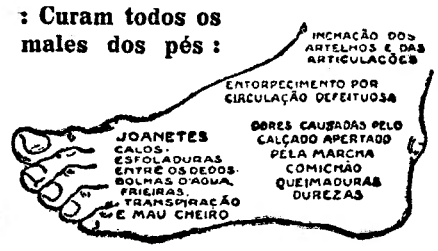
CURIA
Estancia de Cura, de Repouso e de Turismo
Arthritismo, reumatismo, gotta, obesidade, pélle, arelas, rins e bexiga, etc.
LUZ E APLICAÇÕES ELECTRICAS
Epoca Thermal de 1 de Junho a 31 de Outubro
Hotels de 1.ª ordem e pensões com dietas fiscalisadas pelos clinicos hydrologistas
Trens e automoveis á chegada de todos os comboios á estação de Mogofores — Correio, telegrafo e telefone
— Lago e jogos desportivos ao ar livre —
Para mais informações no depositario M. LOUREIRO, SALÃO DE SPORT—RUA AUREA, 190—LISBOA

Dr. Medeiros d'Almeida
Cirurgião dos hospitais
Doenças dos olhos — Cirurgia
Consultorios: Av. Liberdade 121, 1.º, ás 3 h.-Telef. 908 N
Policlinica: L. Conde Barão, 12, 2.º-ás 5 h.-Telef. 1902-C

Policlinica DA RUA DO OURO
Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º
Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões—**Dr. Armando Narciso**—4 h.
Cirurgia geral, operações—**Dr. Bernardo Vilar**—4 h.
Rins, vias urinarias—**Dr. Miguel Magalhães**—10 h.
Pelo e sifilis—**Dr. Correia de Figueiredo**—12 e 5 h.
Doenças nervosas, electroterapia—**Dr. R. Loff**—4 h.
Doenças dos olhos—**Dr. Mario de Mattos**—1 h.
Garganta, nariz e ouvidos—**Dr. Mario Oliveira**—3 h.
Estomago e intestinos—**Dr. Mendes Bello**—3 h.
Doenças das senhoras—**Dr. Emilio Paiva**—2 h.
Tratamento da diabetes—**Dr. Ernesto Roma**—5 h.
Boca e dentes—**Dr. Armando Lima**—10 h.
Raios X—**Dr. José de Padua**—4 h.
Cancro e radio—**Dr. Cabral de Melo**—4 h.
analises clinicas—**D. Gabriela Beato**—4 h.

Saes "DERMOXA,,
: Curam todos os males dos pés :



O melhor contra a transpiração
A' venda em todas as farmacias e drogarias
Deposito: Mario Brandão, Ltd.ª
RUA EUGENIO DOS SANTOS, 99 — LISBOA
N. B—Exijam os verdadeiros Saes «Dermoxa» e recusem as imitações que não têm nenhum valor curativo.
Laboratoires: Nante, 62, Avenue Gambetta, Paris.

Dr. Manuel Barbosa
CLINICA GERAL
RUA DO OURO, 191

PIANOS
e
Autopianos
Rolos
Musicas

Gramofones — Discos
CASA OLIVEIRA — Rocio. 56. 57. 58

Raul Pereira & C.ª L.da

JOALHEIROS
LISBOA PORTO
R. DO CARMO, 87-B
Exposição permanente de joias, pratas e filigranas portuguesas

Restaurant VIGIA
Magnifico serviço de mesa redonda
Almoços a 10$00
Jantares a 12$00
Grande redução nos preços do serviço por lista

A Cidade

Dr. RAMOS PASSOS
INTERNO DOS HOSPITAIS
Clinica medica
CONSULTA A'S 4 HORAS
R. das Chagas, 39. Telef.: Trindade 485

Chá das cinco

O Amor e a Morte

Toda a gente—toda a gente é favor, mas vá lá... conhece o soneto *Mors-Amor* de Antero, não é verdade? Pois os meus olhos assistiram ha dias, na Avenida, a uma simbolisação muito mais humana do Amor e da Morte—sem o trote fantastico do *corcel negro* nem a *armadura reluzente* do cavaleiro. Tudo muito mais simples—verão.

Era uma mulher que descia, uma simples mulher do povo, mas de linhas heraldicas, de gracioso e imperecivel porte, atraindo irresistivelmente os olhares cubiçosos de quem passava. Era, na verdade, uma grande beleza aquela mulher que desciae m cujo tronco, de magnifica e viçosa seiva, desabrochavam tentações como rosas vermelhas. Era positivamente o Amor, o Amor no que ele tem de mais belo e de mais humano que passava.

Mas esta mulher que descia era tambem a Morte. Que imaginam vocês que ela levava á cabeça? O pavôr da Eternidade escura num caixão de defuntos. Só isto—e é já bastante, *Mors-Amor*—O Amor e a Morte!

Parei a vê-la descer, até sumir-se numa curva, na curva fatal do desaparecimento de tudo. E se, em face de tão inesperada visão, a principio protestei contra o emprego mortuario daquela grande beleza anonima—conformei-me depois, lembrando o verso admiravel dum poeta — admiravel e exacto:

Filho da Vida, o Amor conduz á Morte.

Alves Martins

UMA HOMENAGEM ao sr. Governador Civil

E' no proximo domingo, pelas 13 horas, que se realisa, na sede da Assistencia Infantil da Freguesia de Santa Izabel, rua do Patrocinio, 3, o almoço de homenagem que os representantes das Instituições de Assistencia oferecem ao sr. dr. Filipe Mendes, governador civil de Lisboa, como demonstração do seu reconhecimento pelos altos beneficios que aquele magistrado tem prestado ás referidas instituições.

Para este almoço, de que é rigorosamente arredada qualquer especie de caracter politico, podem desde já ser requisitados os bilhetas de admissão na Praça das Flores, 33, das 13 ás 17 horas.

Um novo «conto do vigario»?

A proposito duma noticia que ontem publicámos sob este titulo recebemos uma carta do sr. Manuel Esteves Fazenda em que nos diz o seguinte:

«Exerço ha muito a profissão de informador e nunca dei logar a reclamações; por isso julgo tratar se de imitadores: que me copiam os anuncios e talvez se sirvam do meu nome para enganar os incautos.

Desde ha dias que esses imitadores deixaram de anunciar, mas só agora conheço o motivo.

Como o caso foi entregue á policia, ele será devidamente esclarecido e, entretanto, peço uma ratificação da noticia, para que aqueles que me não conhecem não façam mau juizo a meu respeito.»

Faculdade de Medicina

Defendeu tése, na Faculdade de Medicina de Lisboa, obtendo uma alta classificação, o sr. dr. P. Blélakhoff, medico formado pela velha Faculdade de Genebra e antigo assistente no hospital Cantonal de Genebra. O sr. dr. P. Blélakhoff, repetiu todo o seu curso em Lisboa.

A tése do novo doutor pela nossa Faculdade, intitula-se «meningites tuberculosas nos adultos».

PALACE HOTEL DA CURIA
instalações acabadas de construir
com todo o conforto moderno.
Appartements com banho.
Concerto diario
Pensão completa desde Esc. 35$00
Informações e reserva de aposentos em Lisboa: Hotel de l'Europe, Hotel Metropole, Francfort Hotel e Rocio, 108, 2.º

A PRIMEIRA CAUSA

Uma mulher

que quer ser

só mulher

e é advogada

fez a sua estreia na Boa Hora

A advocacia é sempre uma carreira de sentimento. Defender a justiça é ter coração. De todas as profissões liberais, aquelas que mais tentam a mulher—são a medicina e a advocacia. A primeira tem misterio. A segunda tem teatro. Em Portugal as mulheres não trabalham. Não é porque não queiram: é porque nós não as deixamos.

A mulher portuguesa sofre ainda o fatalismo arabe que pesa sobre o nosso sangue.

Queremos guarda-la. Defende-la com o amor, que é quasi sempre uma cadeia de ferro fundido: quebradiça... e facil de recompor. Não deixamos viver a mulher pela inteligencia. Apenas pelo coração. Ha aqui um erro, para não dizer um crime inutil. Pela inteligencia—elas são livres. Escolhem e querem. Pelo coração são escravas. Dependem de nós, da nossa inconstancia, da nossa frivolidade.

O jornalista não é um advogado das mulheres. Já ha bastantes advogados... e alguns femininos. Dois dias atrás, com o aspecto grave de uma audiencia solene, estreiou se num dos tribunais do crime da Boa-Hora, uma gentil doutora.

Acontecimento. Sensação. Motivo para cronica.

Motivo para entrevista. Mas não queremos cortar a palavra — a quem tem palavras tão lindas para absolver uma ré, como a sr.ª D. Maria Albertina do Couto — a estreiante.

Vamos dar ao leitor o retrato da mulher de leis. Seria mais respeitoso e mais galante dizer da «menina de leis».

D. Albertina do Couto — dr.ª — tem apenas os anos do liceu e os anos da Faculdade de Direito. E', portanto, nova. Moreno doce, queimada de negro nos cabelos e nos olhos. A advocacia não lhe modificou a alma — uma alma de mulher, contente de saber os codigos e de saber costura. Ela o diz, insistindo, repetindo — para que nós não vamos julgar que estamos em frente duma sufragista violenta ou duma americana desdenhosa do sexo forte. D. Albertina do Couto é fragil como mulher. Tão fragil que, para defender o coração, pôz-lhe em cima uma cruzita de platina. A cruz diz tudo — tudo quanto D. Albertina do Couto vai dizer:

—Ha trez anos que acabei o meu curso. Tenho algumas causas, mas quiz-me estrear na defeza duma mulher. Eis porque retardei a minha estreia no foro.

—A sua constituinte foi absolvida?

—Foi. Era uma causa que á primeira vista pode parecer antipatica: uma filha que bateu na mãe. Mas a miseria que havia por detraz disto! Não a reconstituo.

—Aproveitou o facto...

—Para desenvolver o meu ponto de vista: a mulher em face das profissões liberais. Expuz e provei, citando nomes como os de Maria Amalia Vaz de Carvalho, Emilia de Sousa Costa, Adelaide Cabete, Regina Quintanilha, Carolina Micaellis, Ana de Castro Osorio—e tantas outras, que a mulher, sem deixar de o ser, profundamente, sentimentalmente, deve entrar nas carreiras liberais...

—Principalmente?

—Na medicina e na advocacia. Nós, os advogados, somos recebidos com descrença, com ironia. As outras irritam menos o meio Diga-me você, no emtanto: não é tão simpatica a mulher que sara os males, que vive nas enfermarias, como aquele que cura as almas e visita os presidios?

—E' verdade.

—Em toda a parte ela exerce a sua missão —uma missão mais pura, porque tem por base o sentimento e a vida de bondade.

—As suas impressões de estreia?

—As melhores. Bem recebida. Falei com poucos gestos — que é que perde os actores que começam. Falei e comovi. Não esperava, devo dizê lo. Os meus trabalhos — nunca me satisfazem.

—Crê que um advogado feminino exerce mais sugestão...

—De que um homem?

D. Albertina do Couto não quere responder. Julga que vai ao encontro de um galanteio, que ha de ser uma confissão.

Femininamente, sorri. Damos-lhe a contraria: um homem falando num auditorio de senhoras.

—Não sei! E' possivel que ainda venha a sabê-lo.

Aqui para nós, leitor: a sabê-lo ou a desconhecê-lo. Uma senhora que se declara tão calorosamente mulher acaba sempre por defender a causa maxima: o casamento.

O INCIDENTE DO GUADIANA

AS DECLARAÇÕES

feitas por um membro do Directorio

A Agencia Havas forneceu hoje á imprensa o seguinte telegrama:

MADRID, 3.—Falando com os representantes da imprensa, o vice-almirante Mangaz, membro do Directorio, declarou lhes que o incidente que se deu na foz do Guadiana, entre uma canhoneira espanhola, encarregada da fiscalisação da pesca, e dois galões portugueses, não tem certamente importancia alguma, visto que o comandante da referida canhoneira ainda não enviou qualquer relatorio e o Directorio só teve conhecimento do assunto por um telegrama do ministro de Espanha em Lisboa.

O vice-almirante Mangaz acrescentou que deve tratar se de um incidente motivado pela aplicação do novo regulamento espanhol da pesca, regulamento de que os portugueses não podem queixar-se, visto ter sido copiado pelo deles.

N. da R. — Perante esta estranha declaração de que o incidente ocorrido na foz do Guadiana não teve importancia alguma, temos o direito de supôr que a violencia cometida pela canhoneira «Vasco Nunes» obedece a um plano de represalias, posto em pratica pela fiscalização espanhola, contra os pescadores portugueses, só porque o nosso governo não consentiu ainda em assinar um tratado que viria prejudicar altamente os interesses nacionais.

Negar importancia ao facto de uma canhoneira espanhola fazer fogo contra um galeão que pairava em aguas portuguesas e aprisionar mais dois que demandavam a barra internacional do Guadiana; não atribuir gravidade a um atropêlo evidente das regras de direito internacional e da convenção de Ayamonte, só porque o comandante da canhoneira espanhola não enviou ainda para Madrid um relatorio circunstanciado dos acontecimentos, parece-nos demasiada ingenuidade da parte do ilustre vice-almirante membro do Directorio...

UMA DESILUSÃO

E'

positivo

que deixa

os negocios teatrais

o emprezario

José Loureiro

Uma noticia: José Loureiro, infantigavel homem de teatro, emprezario de mão cheia, impulsionador, instigador—abandona os negocios teatrais.

Acaba para a vida dos bastidores, para a lufa-lufa das companhias.

De emprezario passa a simples espectador.

Está cansado, está aborrecido, está desiludido.

Porquê?

Porque alguns maus sucessos assinalaram nos ultimos tempos a sua acção?

Nem pensar nisso é bom.

Ganhar e perder, hoje tudo amanhã nada, exitos estrondosos e caídas mais estrondosas ainda—são a emoção do Emprezario.

Esta noticia já corria Lisboa. Os jornais do Brasil alargam-na, confirmam na, sem promenores.

Diz a *Patria*, do Rio:

«Durante vinte anos seguidos, todos os dias, os leitores das paginas de teatro dos jornais liam um nome que era por si mesmo teatral:—José Loureiro.

Em todo o Brasil, em todo o Portugal, quem tivesse ido uma vez ao menos a um espectaculo, guardava tal nome na memoria, e assim «José Loureiro» e «teatro» entraram no vocabulario das plateias luso-brasileiras como palavras sinonimas...

José Loureiro, durante vinte anos, foi o dono, o senhor, o rei, o deus do nosso mundo teatral.

A um gesto seu, como nas magicas, surgiam actores e actrizes, companhias e empresas.

José Loureiro fez e desfez «celebridades» e parafraseou, praticamente, os versos lindos de Bilac:—ouviu «estrelas» de todas as grandezas e fez mais do que isto:—foi capaz de entende-las... Artistas de talento e artistas sem talento celebrizou-os José Loureiro. Aos primeiros por admiração aos que tinham valor; aos segundos, pelo prazer divino de ser bom.

Porque a verdade é uma só:—poucos homens de teatro têm «ssbido» tanto de teatro, entendendo tão pouco de artistas e de arte, como este Loureiro encantador, que nunca ninguem conseguiu ver triste ou acabrunhado e de quem nunca ninguem conseguiu saber, ao certo, sobre o que pensava de um artista, de um escritor, de um scenografo, ou de outro empresario!»

* * *

Se o teatro, como o jornalismo, é um vicio, e quem nele se perdeu um dia nunca mais o deixa (excepções rarissimas e singulares)—talvez a noticia não tenha outro fundamento que não seja um estado de alma sombrio e transitorio, e assim para a epoca, ou esta epoca ainda, a gente haja de topar um cartaz a uma esquina do Chiado, e que nos diga:

TEATROS X, X, X E X

Emprezario José Loureiro
Abertura breve

Companhias nacionais de tragedia, drama, comedia, opereta, revista e de teatro Guignol

Vergani, Alexandre, Mimi, Maria Guerrero, Raquel, Meller, Pierat, Pavlowa, Robino

Todas as constelações
Todos os «azes»

TEATRO NOVO mais de 24 horas

Teatro Salão Foz
ESTREIA DA BAILARINA
TERESITA NACIONAL
ALEXANDRE DE AZEVEDO
BERY-FREY, FINA KARENNE

A Cidade

TIVOLI Teletone N. 5474
HOJE - A'S 8 3/4 - HOJE
O PRINCIPE ENCANTADOR
A casa solarenga
A SERRA DA ARRABIDA
Elegancias parisienses — Pencudo encontra uma perola

O PROFESSORADO

E'

um acto

de justiça

colocar nos liceus

as diplomadas

para o magisterio

Os assuntos de instrução, entre nós, parece estarem votados, «ab initio», a um criterio de flagrante injustiça.

Hoje tivemos ensejo de conversar com uma senhora diplomada para o exercicio de magisterio secundario que nos conta o seguinte:

—A minha situação é identica á de muitas outras colegas minhas. Não ha meio de conseguirmos obter logar dentro dos quadros docentes liciais, apesar de termos encetado um estiradissimo curso ao abrigo duma disposição legal que nos garantia colocação. Achamo-nos, pois, em presença duma verdadeira fraude cometida pelo Estado, que despreza todos os direitos adquiridos pelas vitimas destê contrasenso, as quais, através dos seus anos de estudo, pagaram ao mesmo Estado alguns contos de réis, representados por inumeros sêlos de propinas e de cartas de curso, por despezas de toda a ordem e por largo desperdicio de tempo e de saude.

—Mas porque é que não conseguem colocação?

—Pelo simples motivo... de sermos senhoras.

Mas o curso é o mesmo — para senhoras e cavalheiros, não é verdade?

—Absolutamente o mesmo. Gastámos, além disso, o mesmo dinheiro, temos iguais responsabilidades...

—Só não têm...

—Os mesmos direitos. E' triste — e é ruinoso para nós.

—Mas não existe qualquer diploma regulador do assunto?

—Existe. Um retrogrado artigo da lei impede-nos a entrada para professoras dos liceus mixtos, que são mais de duas dezênas; só podemos entrar para os liceus femininos que são apenas três: o de Lisboa, o do Porto, e o de Coimbra. Mas até êste ultimo reducto nos é vedado, porque ha ainda amichados nos três liceus femininos cêrca de vinte professores masculinos.

—Não têm feito reclamações?

—Se temos!...

—E que respondem os respectivos ministros?

—Dão nos razão—prometêm fazer justiça. Simplesmente o tempo vai passando, o novo ano lectivo aproxima-se, e nada se resolve favoravelmente. Em compensação, temos o curso do magisterio secundario, somos diplomadas pelas Faculdades Universitarias, e somos todas mais ou menos consideradas como valores sociais e intelectuais de certa categoria...

DR. ANTONIO DA FONSECA

Encontra-se de luto, por falecimento de seu pai, o sr. dr. João Abel da Silva Fonseca, o nosso ministro de Portugal em Paris, sr. dr. Antonio da Fonseca, a quem, por esse facto, o *Diario de Lisboa* apresenta as mais sentidas condolencias.

Santos Vieira

Está presentemente dirigindo a redacção do *Mundo* o nosso antigo e brilhante colega de imprensa, sr. Santos Vieira, a muitos titulos um profissional distinto, antigo redactor de *A Manhã* e do *Seculo*, e daqueles que melhor conhecem o *metier* em que foi investido.

Coliseu dos Recreios

Hoje, após o magnifico e interessante programa de variedades, realizam-se as emocionantes lutas do campeão português Manuel Gonçalves contra o ferez austriaco Petig; do violento belga Saint Mars contra o forte francês Devilliers e do valente alemão Stolzenwald contra o herculos espanhol Bastarrica.

A TARDE POLITICA

O que vai ser

a apresentação

do governo

ao Parlamento

segundo o nosso informador...

Vai amanhã apresentar-se na Camara dos Deputados o novo governo. Ha quem vaticine uma tempestade de alto bordo e ha, pelo contrario, quem afirme aos seus deuses que tudo se passará em bem. Nem tanto ao mar, nem tanto á tirra. Vamos a ver se, a 24 horas de distancia, o «Diario de Lisboa» consegue marcar com relativa fidelidade o logar do novo ministerio perante os representantes do Paiz na sessão de amanhã.

* * *

A entrada na sala será pouco mais ou menos á hora habitual — quatro horas da tarde. Como cheira a sessão escandalosa, as galerias estarão á cunha. Por uma singular coincidencia, na mesa, os solitarios ostentarão lirios brancos, pacificos e inocentes, como convem ás intenções do governo organisado. Dada a palavra ao sr. dr. Domingos Pereira, o ilustre chefe do governo fará a leitura da declaração ministerial, documento sobrio e conciso que não levará mais de um quarto de hora a ler e onde se dirá apenas o indispensavelmente preciso para afimar que o novo governo não quere a guerra, mas vem restabelecer, tanto quanto possivel, a paz que não hostilizará nem grupos nem partidos, a todos dispensando a mesma carinhosa assistencia justa e afectiva, e que salvaguardando em todos seus actos os legitimos interesses do Estado por uma constante e rigorosa fiscalisação dos dinheiros publicos, um objectivo politico o norteará — fazer as eleições na maxima observancia do respeito mutuo, dando a todos a certeza duma livre consulta ás urnas, segura e eficazmente protegida contra subornos e manigancias. Esta será, por certo, nas suas linhas gerais a declaração ministerial.

* * *

Quem pedirá a palavra? O sr. Rodrigues Gaspar, pela maioria; o sr. José Domingues dos Santos, pela extrema esquerda democratica; o sr. Cunha Leal, pelos nacionalistas; o sr. Lino Neto, pelos catolicos; o sr. Abranches Ferrão, pelos independentes agrupados; o sr. Carvalho da Silva, pelos monarquicos, e o sr. Sá Cardoso, pela Acção Republicana. Possivelmente usarão ainda da palavra os srs. Rocha Saraiva, Carlos Olavo, Pedro Pita, Moura Pinto e Ginestal Machado, uns para marcarem as suas opiniões, e outros, para as explicarem. Ha duvidas sobre se o sr. Antonio Maria da Silva irá ou não ao Parlamento. Afirma-se que não vai. Queremos acreditar que vai. Se fôr, usará tambem da palavra para até certo modo confirmar atitudes que nestas ultimas 48 horas lhe foram atribuidas, e que o ex-presidente do ministerio explicará convenientemente.

* * *

Ora, segundo os nossos calculos, nem a direita nem a esquerda democratica se colocarão numa posição hostil ao governo Domingos Pereira. Antes, cada uma das facções do P. R. P. fará a declaração solene duma fiscalisação patriotica e duma espectativa benevola. O mesmo farão os independentes agrupados e a Acção Republicana. Os catolicos rejubilarão com a declaração ministerial, que não lhes hostilisando os seus pontos de vista religiosos, lhes traz o ardente e proclamado desejo duma pacificação geral na familia portuguesa, e uma segurança vantajosa no acto eleitoral. Restam os nacionalistas e os monarquicos. Cada um destes agrupamentos, distanciados, embora por pontos de vista fundamentais, marcarão, no entanto, o seu logar de absoluta intransigencia oposicionista, enviando nesse sentido, para a mesa, as suas moções de desconfiança. A dos monarquicos será uma simples moção de desconfiança no governo. A dos nacionalistas irá mais longe. Será uma moção que atingirá rudemente nos seus considerandos e nas suas conclusões o governo e o Chefe do Estado.

* * *

E' quasi certo que a discussão politica em volta da apresentação ministerial não terminará amanhã, ou se terminar, só o faz em sessão prorrogada, o que se nos afigura vantajoso para ganhar tempo e para acabar rapidamente com um fermento prejudicial de irritação parlamentar e politica.

Acabe, porém, na sessão prorrogada de amanhã ou passe para depois, as moções de desconfiança serão regeitadas por grande maioria. A aprová-las, ficarão apenas nacionalistas e monarquicos, e possivelmente, mais três ou quatro parlamentares, independentes, ou que como tal se julgam á margem dos partidos. E' claro que um rasoavel numero de deputados ou não comparece á sessão ou se abstem de votar. Mas ainda assim ficará numero avondo para que a votação seja uma coisa digna para a vida e para o desafogo do novo governo.

* * *

Haverá três discursos de grande sensação. O do sr. Cunha Leal, que marcará como elevação agressiva de argumentação oposicionista contra o Chefe do Estado a que visarão a maior parte dos seus argumentos, discurso que ha-de, nas partes mais contundentes provocar acesa controversia e ápartes possivelmente agrestes; o discurso do sr. Antonio Maria da Silva, se comparecer, e que explicará as razões dos seus melindres e das suas atitudes, mormente por as indicações para a transmissão dum discutido telegrama têrem sido dadas na sua presença durante o almoço para que o sr. Teixeira Gomes o convidára; e o do sr. dr. Domingos Pereira, em resposta aos oradores, e principalmente em defeza do sr. Presidente da Republica.

* * *

De politica, hoje nada ha. Toda a politica do dia gira á volta dos calculos e das probabilidades do dia de amanhã. Esses, aí ficam. Para fechar, diremos que o sr. Manuel dos Santos Pimenta, tenente, membro graduado do Partido Radical, se afastou completamente de toda a politica, readquirindo assim, a sua simples qualidade de cidadão republicano, sem filiação partidaria.

* * *

O grupo parlamentar democratico reune-se amanhã numa das salas do Congresso, ás 2 horas da tarde, para resolver sobre a orientação a seguir na apresentação do novo governo. Antecipadamente se sabe que o grupo lhe dará o seu apoio.

* * *

E' certo que o sr. Antonio Maria da Silva não só não irá amanhã ao Parlamento como tenciona abandonar os trabalhos parlamentares durante este final de legislatura. Afirma-se tambem que o sr. Antonio Maria da Silva pedirá na sessão de amanhã, por meio de requerimento, três meses de licença.

A casa José Olaio & C.ª, da rua da Atalaia, 36 a 40, acaba de receber nova remessa de Carpetes e Tapetes, com lindos desenhos modernos e de todos os tamanhos, que vende ao publico por preços de revenda. Carpetes em lã desde 200 escudos. Todas as semanas novas remessas.

Pelos teatros

Carlos Leal

Está publicada a «plaquette» dedicada ao estimado e popular actor Carlos Leal, comemorando o seu 30.º ano de teatro, onde, como é sabido, tem abordado todos os generos, sempre com grande apreço do publico e

CARLOS LEAL

fartos elogios da critica. A edição, que é perfeitissima, tem uma capa inedita com o retrato do distinto artista e está profusamente polvilhada de gravuras representando Carlos Leal nos muitos e variados papeis que tem desempenhado na sua já longa carreira.

«A festa dos 3 jornais»

Na interessante «festa dos 3 jornais», que se realizará ainda este mês no teatro S. Luiz, além da conferencia que o conhecido critico teatral sr. Matos Sequeira fará sôbre a historia da canção e da canconeta em Portugal, representar-se-ha um acto, original de Leitão de Barros, intitulado «Um actor á volta de seis papeis», que será interpretado por Lucinda Simões, Alexandre Azevedo e Mario Duarte. Tambem se representará a farça de Bermudes, Rodrigues e Bastos, interpretada só por criticos de «sport» e de teatro, e pelas actrizes Maria Matos e Luz Veloso.

Atrás do reposteiro

Consta que uma actriz de uma companhia de declamação, que ultimamente se evidenciou numa revistasinha de verão tenciona, na proxima epoca, dedicar-se ao teatro musicado, ingressando numa companhia de revistas.

—Por falecimento do actor José Ricardo, o Teatro Nacional, de que o ilustre artista era secretario, encerrou as suas portas, ignorando-se por emquanto se proseguirão, ou não, as representações da peça «Os dois garotos».

—A' ródа do cargo de administrador do Teatro Nacional faz-se já politica. Do emprezario Macedo e Brito sabemos que, por nenhum motivo, aceitaria semelhante logar, sendo menos verdade que o emprezario José Loureiro tivesse enviado do Brasil qualquer telegrama que se prenda com assuntos deste teatro.

—Continuam os trabalhos de organização de elenco e companhia para o novo teatro de Variedades, em construção no Parque Mayer.

—Por motivo do falecimento de José Ricardo adiaram a sua partida para a sua quinta de Caneças os artistas-empresarios Luisa Satanela e Estevam Amarante.

—Ontem a companhia Lucilia Simões estreou-se em Santarem com a peça «O Ladrão». Hoje levará á scena a peça «O Sinal de Alarme».

—O «sainete» de costumes populares «O Menino do Castelo», em ensaios no teatro Apolo, é original de Lourenço Rodrigues e Xavier de Magalhães, com musica do maestro Luz Junior e vai ser interpretado nos principais papeis pelo actor Antonio Gomes (da Trindade) e a actriz Emilia Fernandes.

—Para a revista «Ditosa Patria», em scena, por sessões, no teatro da Trindade, estão a concluir se os ensaios de um novo quadro.

—A viuva de José Ricardo incumbiu da resolução de todos os assuntos teatrais em que seu marido estava integrado, o empresario Luís Galhardo.

—Alexandre de Azevedo exibe hoje, no Salão Foz, um novo programa das suas canções nacionais estilisadas.

—No teatro Avenida efectua-se hoje a ultima representação da peça «A Malquerida», por motivo da companhia ter de seguir em «tournée» pela provincia.

—Estão entaboladas negociações para a ida ao Porto, em Outubro, da companhia Chaby Pinheiro, que se estreará naquela cidade com a peça «O Leão da Estrela».

—O tenor Rene Lapelleterie realiza amanhã o seu ultimo concerto no Casino de Sintra.

—O medico assistente da actrizinha Maria Helena, filha dos artistas-empresarios Maria Matos e Mendonça de Carvalho, prescreveu lhe alguns dias de repouso, por se encontrar muito fatigada.

TEATRO da TRINDADE
Emp. JOSE' LOUREIRO TELEF. C. 876
Hoje ás 20-45 e 22-45
A desopilante revista
Ditosa Patria

TEATRO AVENIDA TELEF. N. 4356
Hoje ás 21-30 Hoje
DESPEDIDA DA COMPANHIA
Ultima representação da peça
A Malquerida

Politeama Emp. Luis Pereira — Telef. 3028 N.
HOJE, ás 21-30 em ponto
O LEAO DA ESTRELA
Protogonista, CHABY PINHEIRO
Extraordinario exito de gargalhada

SCALABITANOS
Deliciosissimos licores! Soberba apresentação
DEPOSITO GERAL Telef. C. 119
RUA AUGUSTA. 70. 2.º

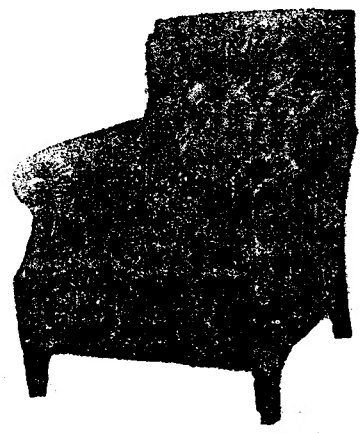
MOVEIS
Preços resumidos
3 MOBILIAS 3 — 4.400$00
29 peças
Quartos desde 2.200$00.
Casas de jantar desde 1.450$00.
Escritorios desde 1.100$00.
Salas desde 800$00.
Grande «stock» e variedade em mobilias e moveis desirmanados.
Agradece a quem tiver a amabilidade de vir visitar este novo estabelecimento que mais barato vende.
ARMANDO SANTOS
29 a 33, Rua das Gaveas, 29 a 33
(Ao Camões)

Casino de Sintra
Concertos extraordinarios pelo notavel tenor
René Lapelletrie
nas noites de 1, 2, 4 e 5 de agosto, ás 21 h. e 30.
Preços:—Avulso, 20$00; assinaturas para as 4 noites, 50$00.
Sexteto de excelentes artistas dirigido por **René Bohet.**
1.º Jantar de Gala com varios atractivos, sabado, 8 de agosto. Aberta desde já inscrição para a marcação de mesas.
Serviço permanente de «restaurant» com sexteto e «Bar».—Bailes e diversões todas as noites.

Associação de Classe
dos empregados de Clubs e Casas de Recreio
Assembleia Geral
Não se tendo podido realisar a Assembleia Geral marcada para o dia 20 de julho p. p., pelo motivo da suspensão das garantias constitucionais, fica a mesma convocada para o proximo dia 10 do corrente, pelas 15 horas, na rua do Socorro, n.º 11, C. 1.º, com a mesma ordem de trabalhos.
O 2.º Secretario da Mesa
Armando Duarte.

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
LISBOA RUA DO OURO, 18, 24
PORTO PRAÇA DA LIBERDADE, 28, 29
REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL
Operações financeiras—Fundos publicos nacionais e estrangeiros

CONFORTAVEIS
GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.
MOBILIAS
GRANDE SORTIMENTO DE
CARPETES
A PREÇOS BARATISSIMOS
JOSÉ OLAIO & C.A (FILHO)
RUA DA ATALAIA 36 a 40—(Predio todo)
TEL. C. 3082



BRILHANTES
e toda a especie de joias quem compra pelo mais alto preço é sem duvida a joalheria
BARRETO & GONÇALVES, LTD.
17—RUA EUGENIO DOS SANTOS—17
Antiga Rua de Santo Antão
(PRIMEIRA OURIVESARIA VINDO DO ROCIO)
TELEFONE N. 3759

MAPLES POR CONTA DO FABRICANTE
FAZEM-SE DIVERSOS
FABRICAÇÃO GARANTIDA
182—RUA DA ROSA—190

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

EDEN TEATRO Telef. N. 3800
Empresa Conceição Silva, Ltd.
Hoje ás 21-30 Hoje
A CIDADE
ONDE A GENTE SE ABORRECE
Ampliada com o episodio A' BICA

TEATRO MARIA VITORIA TELFE. N. 3644
HOJE ás 8-30 e 10-30
A aplaudidissima revista
RATAPLAN!
em duas sessões

FORD
Automoveis e camionetes
para ENTREGA IMEDIATA
C. SANTOS, LTD.A
Rua Nova do Almada, 88
LISBOA

DOENÇAS NERVOSAS
Gabinete hidroterapico—C. do Duque, 20
C. da Gloria, 15—T. N. 4457
Director
Dr. J. Silvestre d'Almeida
Duas salas de douches independentes para homens e senhoras. Banhos de vapor. Massagens higienicas. Electroterapia.
Aberto das 8 ás 13 horas.
Consultas das 10 ás 12 horas

A'S SENHORAS
Usem o «Créme Roial»
O produto mais perfeito para a higiene e conservação da pele.
A' venda em todas as drogarias.
Deposito: R. da Rosa, 269

Horario dos comboios da linha de Cascais, desde 24 de Julho de 1925 (Serviço de verão)

Estações e apeadeiros	101	1	103	105	201	3	107	203	109	5	205	7	111	113	207	9	11	115	117
	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M (a)	H M	H M	H M (b)	H M	H M (b)	H M	H M	H M	H M	H M	H M
Cais do Sodré	1 00	7 15	8 35	9 43	10 25	11 15	12 38	14 05	14 15	16 00	17 18	17 30	18 00	18 30	19 05	19 15	20 15	21 10	23 00
Santos (ap.)		7 18	8 38			11 18			14 18	16 03		17 33				19 18	20 18	21 12	
Alcantara Mar		7 22				11 22				16 07		17 37					20 22		
Junqueira (ap.)		—				—				—		—				—	—		
Belem		7 28				11 28				—		17 43				19 26	20 28		
Bom Succs. (ap.)		—				—				—		—				—	—		
Pedrouços		7 32				11 32				16 15		17 47				19 30	20 32		
Algés	1 14	7 35	8 50	9 57		11 35	12 52		14 30	16 18		17 50		18 44		19 33	20 35	21 25	23 13
Dafundo (ap.)	1 16	7 37				11 37	12 54			16 20		17 52				19 35	20 37		
Cruz Quebrada	1 19	7 40	8 54	10 01		11 40	12 57		14 34	16 23		17 55	18 16	18 48		19 38	20 40	21 29	23 17
Caxias	1 23	7 45	8 59	10 06		11 45	13 02		14 39	16 28		18 00	18 21	18 53		19 43	20 45	21 33	23 21
Paço d'Arcos	1 28	7 50	9 04	10 11		11 50	13 07		14 44	16 33		18 05	18 26	18 58		19 48	20 50	21 38	23 26
Santo Amaro (ap)	1 32	7 55	9 09	10 16		11 55	13 12		14 49	16 38		18 10	18 31	19 03		19 53	20 55	21 42	23 30
Oeiras	1 34	7 58	9 12	10 19		11 58	13 15		14 52	16 41		18 13	18 34	19 06		19 56	20 58	21 44	23 3
Carcavelos	1 38	8 02	9 16	10 23		12 02	13 19		14 56	16 45		18 17	18 38	19 10		20 00	21 02	21 48	23 32
Parede	1 41	8 06	9 20	10 27		12 06	13 23		15 00	16 49		18 21	18 42	19 14		20 04	21 05	21 51	23 36
Cae Agua (ap.)	1 45	8 09	9 23	10 30		12 09	13 26		15 03	16 52		18 24	18 45	19 17		20 07	21 09	21 55	23 40
S. J. Estoril (ap)	1 48	8 13	9 27	10 34	10 58	12 13	13 30	14 38	15 07	16 56	17 51	18 28	18 49	19 21	19 38	20 11	21 13	21 58	23 43
Estoril	1 50	8 16	9 30	10 37	11 01	12 16	13 33	14 41	15 10	16 59	17 54	18 31	18 52	19 24	19 41	20 14	21 16	22 00	23 46
Mont. Estor. (ap.)	1 53	8 19	9 33	10 40	11 04	12 19	13 36	14 44	15 13	17 02	17 57	18 34	18 55	19 27	19 44	20 17	21 19	22 03	23 50
Cascais	1 55	8 21	9 35	10 42	11 06	12 21	13 38	14 46	15 15	17 04	17 59	18 36	18 57	19 29	19 46	20 19	21 21	22 05	23 51

Estações e apeadeiros	102	2	4	6	202	104	106	108	204	110	112	8	10	206	114	116	118	120
	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M (b)	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M	H M
Cascais	0 30	5 50	7 14	8 20	9 00	9 10	10 00	11 02	11 30	12 55	14 15	15 50	17 40	18 19	19 00	20 00	21 40	23 10
Monte Estoril (ap.)	0 32	5 53	7 17	8 23	9 03	9 13	10 03	11 05	11 33	12 58	14 18	15 53	17 43	18 22	19 03	20 02	21 42	23 12
Estoril	0 35	5 56	7 20	8 26	9 06	9 16	10 06	11 08	11 36	13 01	14 21	15 56	17 46	18 25	19 06	20 05	21 45	23 15
S. João do Estoril (ap.)	0 38	6 00	7 24	8 30	9 10	9 20	10 10	11 12	11 40	13 05	14 25	16 00	17 50	18 29	19 10	20 08	21 48	23 18
Cae Agua (ap.)	0 41	6 03	7 27	8 33		9 23	10 13	11 15		13 08	14 28	16 03	17 53		19 13	20 11	21 51	23 21
Parede	0 45	6 07	7 31	8 37		9 27	10 17	11 19		13 12	14 32	16 07	17 57		19 17	20 15	21 55	23 25
Carcavelos	0 48	6 11	7 35	8 41		9 31	10 21	11 23		13 16	14 36	16 11	18 01		19 21	20 18	21 58	23 28
Oeiras	0 52	6 15	7 39	8 45		9 35	10 25	11 27		13 20	14 40	16 15	18 05		19 25	20 22	22 02	23 32
Santo Amaro (ap)	0 54	6 17	7 41	8 47		9 37	10 27	11 29		13 22	14 42	16 17	18 07		19 27	20 24	22 04	23 34
Paço d'Arcos	0 58	6 22	7 46	8 52		9 42	10 32	11 34		13 27	14 47	16 22	18 12		19 32	20 28	22 08	23 38
Caxias	1 02	6 26	7 50	8 56		9 46	10 36	11 38		13 31	14 51	16 26	18 16		19 36	20 32	22 12	23 42
Cruz Quebrada	1 06	6 31	7 55	9 01		9 51	10 41	11 43		13 36	14 56	16 31	18 21		19 41	20 36	22 16	23 46
Dafundo (ap.)	—	6 34	7 58	9 04		9 54	—			—		16 34	18 24		—	20 39	—	—
Algés	1 10	6 37	8 01	9 07		9 57	10 46			13 41		16 37	18 27		19 46	20 41	22 20	23 50
Pedrouços		6 39	8 03	9 09								16 39	18 29					
Bom Sucesso (ap.)		—	—	—								—	—					
Belem		6 44	8 08	9 14								16 44	18 34					
Junqueira (ap.)		—	—	—								—	—					
Alcantara Mar		6 49	8 13	9 19								16 49	18 39					
Santos (ap.)		6 54	8 18	9 24								16 54	18 44					
Cais do Sodré	1 23	6 56	8 20	9 26	9 41	10 10	10 59	11 59	12 11	13 54	15 12	16 56	18 46	19 00	20 00	20 55	22 33	0 05

a) Só se efectua aos domingos e dias feriados. b) Não se efectua aos domingos e dias feriados.
Todos estes comboios fazem serviço de bagagens e encommendas. O numero de passageiros destes comboios é limitado.

A PATRIA
SOCIEDADE ALENTEJANA DE SEGUROS
Séde: EVORA
LISBOA: — Rua do Alecrim, 20 A, r/c.
PORTO: — Rua do Almada, 287, 1.º.
SEGUROS EM TODOS OS RAMOS NAS MELHORES CONDIÇÕES INCLUINDO DESASTRES NO TRABALHO E RESPONSABILIDADE CIVIL

ESTRANGEIRO

HUMAGSOLAN
Cura a calvicie e evita a queda do cabelo — Remedio de uso interno
Nas boas farmacias e drogarias
AGENTES: Wirges & Simões, Lda. R. Antonio Maria Cardoso, 23—LISBOA—Telef. 1186 C.

MARROCOS

ESTÀ

reunido

em Adjir

o conselho

dos ajudantes de Abd-el-Krim

e dos "caids,,

TANGER, 4

Está-se realizando em Adjir uma reunião de caids Djebalas e Anjeras, em que tomam parte os principais logares-tenentes de Abd-el-Krim, Jeriro, Hadjafi e Ouldkarfa.

Abd-el-Krim obrigou os BeniZeroual a fornecerem um contingente de duzentas espingardas, sob o pretexto de apoiar os rifenhos no caso dum desembarque em Alhucemas.

Estes recrutas servirão na realidade de refens para o caso da tribu abandonar Abd-el-Krim.

Na zona espanhola a situação está estacionaria, parecendo que o inimigo não reagirá antes do regresso dos caids que foram a Adjir tomar parte na reunião.—(H.)

Abd-el-Krim

e a propaganda rifenha

FEZ, 4

A propaganda rifenha intensificou-se em todo o Marrocos.

Abd-el-Krim arranjou cumplicidades na região da rectuguarda, onde mandava entregar, nas repartições dos correios e telegrafos, cartas destinadas a individualidades marroquinas ou europeias, tendentes a fazer acreditar que os rifenhos ocupavam na realidade algumas das grandes cidades. Foram tomadas as necessarias providencias para impedir a continuação desta propaganda.—(H.)

O inimigo

abandonou uma posição

RABAT, 4.

Os grupos moveis, que operavam com o fim de libertar os postos cercados na região de noroeste, atacaram o inimigo, que estava fortemente entrincheirado no massiço de Azjen.

Esta manobra foi combinada entre a infantaria e os carros de assalto.

O inimigo, surpreendido com o ataque, teve que abandonar a posição de Azjen e fugiu desordenadamente, deixando mais de 60 cadaveres no campo.—(H.)

PARIS, 4.

Painlevé, discursando ontem sobre Marrocos, disse que á atitude dos comunistas que defendem a evacuação dos territorios ali ocupados pela França é anti-patriotica e, portanto, merecendo severas sanções.

O chefe do governo terminou afirmando que o exercito trabalha dia e noite para impor a Abd-el-Krim condições de paz duradoura e que a guerra estará terminada antes de outubro.—(L).

BERLIM, 4

Depois de terem deixado passar sob silencio os sucessos alcançados ultimamente pelas tropas francesas, na frente marroquina, a imprensa alemã e em especial os orgãos da direita, recomeçam agora a anunciar, em grandes parangonas e em grandes letras, novas e brilhantes vitorias que dizem alcançadas por Abd-el-Krim.—H.

PARIS, 4

Segundo um telegrama recebido nesta cidade, Abd-el-Krim rejeitou as propostas de paz, em virtude delas não conterem a condição de ser garantida a autonomia e a completa independencia da região do Riff.—(L.)

BERLIM, 4

Os circulos governamentais desmentem categoricamente que na região do Riff se encontrem oficiais alemães, constituindo o estado maior do chefe rifenho.—(L.)

O PROBLEMA DA MATERNIDADE

A mulher

deve casar

antes dos 25 anos

para ter saude

O professor Pinard, um grande apostolo do casamento, prepara-se para fazer á Academia de Medicina de Paris uma comunicação sobre o celibato e o problema da maternidade em França—que interessa duma maneira geral todos os países.

O dr. Pinard, depois duma vida de cincoenta anos de medico parteiro, entrou no Parlamento para defender, com uma eloquencia apaixonada, o problema da fecundidade e da primeira infancia.

Segundo o celebre professor, ha actualmente em França 1.500:000 raparigas condenadas ao celibato, admitindo mesmo que todos os rapazes solteiros tomassem cada um para si uma mulher. E' claro que, entre este numeroso grupo de raparigas a quem nunca será permitido conhecer as alegrias do casamento, muitas enveredam pela via sinuosa, e, embora não dêem filhos á França, têm sempre maneira de se resignar dentro do estado de ostracismo matrimonial a que a falta de homens as condenou.

Mas a esterilidade, diz o professor Pinard, é contra a natureza. Uma mulher que queira manter a sua saude organica deve ser mãe antes dos 25 anos. Em meio seculo de ensino e de clinica, o professor Pinard nunca encontrou um fibroma numa mulher que tivesse sido mãe de seis filhos e nunca viu uma solteirona de perfeita saude.

A obra de protecção á criança e á mulher fecunda tem sido o objecto mais querido da sua campanha parlamentar. Assim, o sabio professor conseguiu já uma redução progressiva nos bilhetes de caminho de ferro para todos os membros duma familia numerosa e para toda a mulher gravida ou mãe duma criança, alcançou um preço de favor para o pão e o açucar.

—A mulher, proclama o dr. Pinard, não tem apenas direito a uma vida fisiologica normal e feliz; ela preenche, desde o momento em que é mãe—não importa em que condições sociais de ligação e procriação—a mais alta das funções sociais: a mais digna de ser honrada e remunerada.

E o ilustre deputado parteiro condena, em termos amargos, o aborto «correccionalisado» que ele considera o mais ignobil dos crimes e o mais prejudicial á sociedade.

E' á clemencia do juri em relação á mãe que provocou o aborto e á parteira que interveio «cirurgicamente» que o dr. Pinard atribue a frequencia escandalosa desse crime em França. Mas se a lei é generosa para com a mãe, em relação ao pai chega a ser monstruosa—porque não cura de saber qual foi a responsabilidade moral do homem no crime de aborto ou de infanticidio.

Se ha demonstrações de egoismo masculino, esta—que é especialmente afecta aos legisladores—é uma das que gritam mais alto contra a fraquesa do sexo forte.

TODAS AS SEMANAS Chegam novidades em malas e carteiras para Bastos Silva, Lda.—R. de S. Nicolau, 81

!! SENHORAS !!
Garantia absoluta contra as perturbações que a gravidez possa causar
Usai os "Ovules Sterelisatrices" Z. O. L.
Enviam-se instruções por correio em carta fechada
A' venda no depositario geral para Portugal e Colonias Fernando da Silva, 188, Rua da Madalena, 190, e nas Farmacias A. Marinho & C.ª, Lda., Rua Eugenio dos Santos, 86 a 90; Farmacia Portugal, Rua Augusta, 218, e no Porto, Farmacia Central, de Salgado Lencart, Rua 31 de Janeiro, 203

COUPONS
da DIVIDA EXTERNA PORTUGUESA, BRASILEIROS, ARGENTINOS, CHILENOS, ETC., ETC.
VENCIDOS E A VENCER
COMPRA
PINCHADA, MORAES & C.ª — R. Augusta, 87 (Esquina Rua de S. Julião)

INGLATERRA

DEVE

dirigir

o Imperio

um governo

ou os chefes de sindicatos

eis a questão...

LONDRES, 4

O ministro do Interior, falando em Althorp, aludiu á crise da industria das minas, dizendo em especial que, qualquer que seja o resultado do inquerito, não se podia continuar a auxiliar os mineiros e os proprietarios das minas á custa da Nação.

O Imperio, disse o ministro, deve ser governado por um governo ou por um grupo de chefes de sindicatos? Eis uma questão grave á qual o pais, no decurso deste nove meses proximos, deve prestar toda a sua atenção.—(H.)

O «Daily Mail»

e a industria mineira

LONDRES, 4

O «Daily Mail» diz que os subsidios concedidos pelo sr. Baldwin á industria mineira constituem uma capitulação do poder, perante as exigencias dos socialistas extremistas. O artigo termina dizendo que a medida posta em pratica pelo sr. Baldwin é uma calamidade sem precedentes e que irá reflectir-se nos futuros conflitos entre operarios e patrões—(L.)

Lloyd George

ataca a decisão do governo

LONDRES, 4.

Falando na conferencia dos mineiros do partido liberal, Lloyd George criticou a decisão do governo de conceder subsidios á industria mineira, declarando tambem que não ha qualquer razão para que esta disputa tenha fim se, no final de contas, é sempre o contribuinte inglês quem lhe sofre as consequencias.—(H.)

Desordem

entre comunistas e fascistas

LONDRES, 4.

Rebentou uma nova desordem entre os comunistas e os fascistas. Tresentos comunistas dirigiram-se aos bairros fascistas, onde lançaram projecteis. A policia prendeu um manifestante; a multidão tentou liberta-lo; e um policia ficou ferido na cabeça.—(H.)

Almoços-Concerto
das 12 ás 14 horas
Os melhores de Lisboa
CHIC
Praça Restauradores, 20—Telef. N. 3361

A'S SENHORAS
se recomendam os magnificos casacos de abafo feitos pelos ultimos figurinos em Peluches, Astrakans, Veludos. Impermiaveis inglêses a 98$50.

Grandes Armazens da Beira
20. 22—R. DOS RETROZEIROS—24, 26
PERES & ABRANTES, SUC.

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
Londres, cheque	—	97$25
Paris	—	$95
Madrid	—	2$90
New-York	—	20$05
Amsterdam	—	8$06
Suiça	—	3$90

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
Bruzelas	—	$93
Italia	—	$74
Praga	—	$60
Brazil	—	2$38
Libra esterlina	98$00	100$00
Agio do ouro	—	—

DEPUTADOS

POR

FALTA

de numero

fechou

a sessão...

Quando entrámos na sala, o sr. Baltazar Teixeira lia os nomes dos senhores deputados.

Conseguidos a «forceps» 40 deputados, a sessão abriu, e antes do ordem do dia o sr. Cancela de Abreu usou da palavra para se associar ás saudações que os srs. Cunha Leal e Marques Loureiro dirigiram á Universidade de Coimbra, quando se iniciou a discussão do orçamento do ministerio da Instrução. Tambem patenteou o seu protesto pela forma como foi elaborado o referido orçamento, com o proposito manifesto de vexar o nosso primeiro estabelecimento de ensino superior.

E como não haja que discutir, o sr. Jaime de Sousa, sempre amigo do «pais português», foi puxando a braza á sua sardinha, requerendo a discussão dum projecto que autorisa a Camara Municipal de Vila do Porto a vender determinados baldios. Mas não havendo numero, o requerimento não foi posto á votação e os trabalhos suspenderam, á espera... da hora em que a sessão deve ser encerrada.

* * *

E essa resolução não foi demorada, porque o sr. presidente, após alguns protestos, resolveu, por não haver numero para deliberações, encerrar a sessão e marcar a seguinte para amanhã.

Todos ficaram satisfeitos e até mesmo o ar de modorra que se espalhara pela sala, dando-lhe um aspecto de camara ardente, desapareceu, transformando-se em alegre chilreada de estudantes em dia feriado.

Os nacionalistas vão apoiar o governo?

Uma informação, e não um boato nos chega de fonte segura: se na votação da moção de desconfiança apresentada pelo partido nacionalista os accionistas e esquerdistas votarem a favor do governo, para «o terem sob o seu voto», os nacionalistas acabarão por se colocar abertamente a favor do governo.

Vai sem comentarios, como nos chega, e só por sabermos a origem da noticia.

Uma carta

do sr. João Pedro dos Santos

O antigo director da P. S. E., a quem ontem nos referimos num eco, escreveu-nos uma carta da qual recortamos a parte essencial:

—«Não indiquei onde se encontava o sr. dr. José Eugenio Dias Ferreira. Primeiro que eu o visse, viu-o o agente Soares. Tambem o não segui, não sabendo por isso em que casa se encontrava quando no dia seguinte foi detido. Da prisão, só na tarde de domingo tive conhecimento. Esta é a verdade, que digo aos que não sendo caluniadores estão de boa fé».

Fica feita lealmente a rectificação, que foi feita tambem nos jornais de onde tirámos a informação.

Diario de Lisbôa

na hipotese de terem interesse politico as declarações que a esta hora começa a pronunciar no banquete do Estoril o sr. Antonio Maria da Silva, publicará uma

2.ª EDIÇÃO

NO MONT' ESTORIL

O almoço

de Antonio Maria da Silva

e dos seus ministros

teve caracter politico...

E' costume, quasi praxe constitucional, quando um ministerio cessa funções, os seus componentes se reunirem num banquete — que tem sempre, mais ou menos, um caracter politico.

O sr. Antonio Maria da Silva reuniu hoje os seus colaboradores, no Estoril.

Porquê — no Estoril?

Porque, como o sr. Portugal Durão está doente em Cascais, os convivas foram visita-lo antes do ágape, talvez no intuito de o levarem. O Estoril fica perto de Cascais.

* * *

O almoço foi no Grande Hotel de Italia. Assistiram, além do sr. Antonio Maria da Silva, com uma bela disposição de espirito, ainda que visivelmente fatigado, os srs. Germano Martins, Lima Basto, Lago Cerqueira, Santos e Silva, Filomeno de Almeida, Torres Garcia, Augusto Alves Monteiro, Gaspar de Lemos e comandante Pereira da Silva—estes 4 ultimos actuais ministros do gabinete Domingos Pereira, e presos, por consequencia, á actual situação.

—Mas esta festa é intima, festa de amigos, e não tem nenhum, nenhum caracter politico—isto nos declara o sr. Antonio Maria da Silva.

* * *

O vinho é do sr. Lago Cerqueira, um vinho branco côr de topazio, inocente e limpido na aparencia, mas a gente sabe lá da sua inocencia...

Como quere que o comandante Pereira da Silva não lhe faça festa, o ex-chefe do governo ironisa:

—O nosso comandante vê-se que não embarca...

—Ná. E' que tenho mais receio deste mar do que do outro. E' muito incerto, e é bom acautelar-me contra os enjôos.

* * *

Tambem assistem os chefes de gabinete dos ministros e o sr. tenente de marinha Agatão Lança.

O sr. Agatão Lança, que é o mais joven dos presentes, e que, como se sabe, não foi ministro nesse gabinete, porque não quiz, começa a ter, além do seu prestigio de valente, uma reputação politica séria.

E diz-nos, a um «coin» da sala, olhando o mar e as fumaças azuis do seu cigarro «Tagus»:

—Já sabe que isto não é um almoço politico.

—Pois sim, mas v. ex.ª é que não deixa de o ser. A sua atitude perante o novo governo?

—De incondicional apoio, porque o governo é constituído de acôrdo com o Directorio do P. R. P., e eu sou um politico disciplinado.

E abrindo um pouco a conversa:

—Na actual situação só ha dois campos: os politicos que o sabem ser nos seus partidos, e os «canhotos». Canhotos são todos os indisciplinados, os desordeiros por ambições inoportunas, que os ha em todas as correntes organizadas de opinião. A «esquerda» não significa outra coisa senão a «indisciplina». Isto é que convem fixar.

—Para o partido democratico?

—Homem, para todos os partidos. O partido democratico está unido, consciente do que quere e do que deve a si proprio. Uma facção minorista revoltou-se e foi irradiada. Não ha mais que isto. Assim, de um lado estão nos partidos os que querem a ordem, o progresso, respeitando a organização social existente e fazendo por a aperfeiçoar conforme o interesse da Republica e da Nação, e do outro lado—os «canhotos».

Acercámo-nos do sr. Antonio Maria da Silva:

—A sua atitude, sr. presidente?

O sr. Antonio Maria da Silva não tomou a mal e disse:

—Aqui, num almoço de amigos, falar de politica! Pois lhe digo, que a de sempre, fiel ao partido e a mim proprio.

—Diz-se que...

—Sei lá o que se diz. Não vou ao Parlamento estes dias mais proximos porque estou arrazado de saude e preciso descansar.

—Mas isso pode ser uma atitude significativa...

—Estou doente, todos o sabem.

—E os seus amigos?

—Eu só respondo por mim. Como lhe estou a dizer não tomo atitude nenhuma. A doença não é atitude.

* * *

Afinal o almoço sempre teve um caracter politico.

O primeiro a falar foi o sr. Germano Martins:

—Eu se fôsse o ministro do Interior que havia de presidir ás eleições só daria votos a quem os tivesse. Talvez por isto não convinha...

Outra frase:

—Disse ao sr. Presidente da Republica que não podia continuar no novo governo porque ele não podia ter a «unidade moral» do seu antecedente.

O sr. Antonio Maria da Silva, segundo orador a falar, diz entre as outras coisas que temos de resumir:

—Organisei um governo de ordem, com sacrificios de todos que o compunham, mas um governo de administração e ordem. A desordem derrotou-me. Já Paulo Falcão me dizia sobre um dos chefes de desordem: «é um videirinho».

Visto que foi a desordem que me derrubou e não podendo transigir com «essa choldra», vou retirar-me. Muita gente me diz que eu não tenho o direito de assim proceder. Mas eu retiro-me. A «choldra» é quem triunfa. No dia em que ela deixar de triunfar, então voltarei.

* * *

O sr. Gaspar de Lemos, actual ministro e antigo ministro, fez o elogio do anterior gabinete e declarou que o sr. Antonio Maria da Silva nunca mereceu tanto da Republica e do partido como agora.

—V. Ex.ª venceu. V. Ex.ª não caiu. O novo ministerio tem de seguir a sua politica, e só por isso me encontro no governo. (Apoiados dos três actuais ministros.)

—V. Ex.ª não deve retirar-se da politica. Como um general vencedor, tem que tirar partido da vitoria.

Outra frase do sr. Gaspar de Lemos:

—Aqueles que agora mais barafustam contra banqueiros e financeiros são os que mais têm defendido e protegido certos Bancos.

O actual ministro das Finanças, sr. Torres Garcia, faz declarações peremptorias de absoluto apoio ao sr. Antonio Maria da Silva:

—Fui sempre incompativel com os videirinhos. Sou radical desde os bancos das escolas, mas os radicais do meu partido são creaturas sem moral politica para realisarem o programa radical e a coesão do programa do P. R. P.

Declara que o sr. Antonio Maria da Silva foi e será sempre o forte estandarte do P. R. P. E diz que se encontrou na pasta da Agricultura exactamante para impedir que a politica a absorvesse. Pede ao ex-chefe do governo para não se retirar da politica activa.

O sr. Torres Garcia fez um discurso correcto, brilhante e sincero.

O sr. Augusto Monteiro, do actual governo, tambem fez um discurso literario, que impressionou a assistencia pela elevação, e, fazendo o elogio do sr. Antonio Maria da Silva, disse que aceitou o governo Domingos Pereira porque, sendo este um politico correcto e de ordem (declarações aliás feitas por todos os oradores), lhe garantiu que se ia seguir uma politica igual á anterior. Referiu-se aos «desorientados», que por palavras imprudentes comprometem o Partido, e insistiu com o seu antigo chefe para que este não deixasse a politica.

Falaram ainda, na mesma ordem de ideias, os srs. Santos Silva, Lima Basto, Filemon de Almeida, que foi particularmente acarinhado, e Pereira da Silva, que declarou ter ido para o novo gabinete defender a Marinha Portuguesa, pela qual fará todos os sacrificios que ela merece á margem da politica.

Uma frase de Filemon de Almeida:

—Depois do infeliz telegrama de Belem (apoiados) o sr. Antonio Maria e nós temos de ir até o fim! (apoiados de todos os presentes).

A *biague* do começo do almoço cessou como por enquanto, mal começaram os discursos.

Vê-se assim que num almoço entre politicos — apesar do vinho branco sér neutro — é politica que se come e politica que se bebe.

UMA FIGURA

FOI

HOJE

a enterrar

o actor

José Ricardo

O glorioso e popular actor José Ricardo que, póde-se dizer, saiu do palco para a morte — foi hoje conduzido para o cemiterio do Alto de S. João.

A cerimonia teve um aspecto de pungentissima dôr e saudade por um dos maiores actores do teatro português, cujas criações admiraveis ficarão na memoria de todos os que assistiram a alguns dos seus mais estrondosos sucessos.

Perto das 15 horas já a rua da Alegria se encontrava apinhada de trens e automoveis, a par duma numerosa multidão que, respeitosamente, esperava a saida do feretro, conduzindo os restos mortais de José Ricardo.

Depositada a urna no carro funerario, onde o roxo das corôas acentuava o derradeiro adeus a um prodigioso multiplicador de vidas, o cortejo, dirigido pelo sr. Luiz Galhardo, pôz-se imediatamente em marcha — desfilando, ante os olhos do jornalista, as primeiras figuras do teatro, do jornalismo, da critica, além de numerosissimos amigos e admiradores do ilustre finado que não podiam faltar ao sagrado dever de acompanhar, até ao seu ultimo leito, o artista popular que, pelo coração e pelo talento, soube conquistar os mais vivos aplausos e a maior simpatia e carinho das plateias.

José Ricardo — cuja vida foi um exemplo de qualidades magnificas de trabalho, vivendo, como um verdadeiro apostolo, para a beleza sugestiva da sua arte, deve sentir-se satisfeito — se além desta vida ha outra vida verdadeira — com a manifestação de sincero pesar que o seu funeral representou.

No cemiterio do Alto de S. João, onde José Ricardo deu entrada, falaram sentidamente, como ultimo preito de homenagem prestada ao glorioso artista, as seguintes individualidades, do teatro, da critica, do jornalismo e das letras:

Em nome das Emprezas Teatrais, o sr. Carlos Borges; em nome dos autores dramaticos, o sr. Luiz Galhardo; em nome das actrizes, a sr.ª D. Adelina Abranches; em nome dos artista do Nacional, o sr. Rafael Marquês; em nome dos actores, o sr. Estevão Amarante; em nome da critica teatral, o nosso querido camarada Artur Portela, e em nome da A. T. T., o sr. dr. Feliciano Santos.

Foram organisados 20 turnos.

Conduziram a urna os srs. Luiz Pereira, filho, Amarante, Alexandre Azevedo, Rafael Marques, José Mota e Luiz Galhardo.